



# IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
II RP SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica  
II ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

## RECIPROCIDADE, PARTILHA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS COMPARTILHADOS EM TERRA KAINGANG DE PALMAS (PR)<sup>1</sup>

Magda Vicini<sup>2</sup>

Robert Crépeau<sup>3</sup>

Sergio Bairon<sup>4</sup>

Claudecir Viri<sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre os conceitos de reciprocidade (MAUSS, Marcel, 2003; MARTINS, Paulo Henrique, 2005; CRÉPEAU, Robert R., 1997, 2006, 2022) e da metodologia da produção partilhada do conhecimento (BAIRON; BATTISTELA; LAZANEO, s/d; BAIRON, 2019; SANTOS, 2002; LAZANEO, 2012, 2017). Esses conceitos estão relacionados à prática da arte mural e à convivência da pesquisadora Vicini na comunidade da Terra Indígena Kaingang de Palmas (PR), durante o período de 2018 a 2022. Os relatórios produzidos nesse período (2018, 2019, 2020, 2021, 2022) demonstram uma abordagem de produção do conhecimento que promove relações não hierárquicas entre os sujeitos da pesquisa. Essa abordagem busca compreender a noção de unidade descrita pelo professor Kaingang Viri (2021), na qual se estabelece a reciprocidade indígena. Por fim, este estudo argumenta que a produção partilhada do conhecimento pode revelar as práticas e subjetividades que moldam a reciprocidade Kaingang, bem como relacionar-se com elas.

**Palavras-chave:** Kaingang, Reciprocidade, Produção Partilhada do Conhecimento.

### ABSTRACT

This article presents reflections on the concepts of reciprocity (MAUSS, Marcel, 2003; MARTINS, Paulo Henrique, 2005; CRÉPEAU, Robert R., 1997, 2006, 2022) and the methodology of shared knowledge production (BAIRON; BATTISTELA; LAZANEO, n.d.; BAIRON, 2019; SANTOS, 2002; LAZANEO, 2012, 2017). These concepts are related to the practice of mural art and the interactions of researcher Vicini within the Kaingang Indigenous Land of Palmas (PR) from 2018 to 2022. The reports produced during this period (2018, 2019, 2020, 2021, 2022) demonstrate an approach to knowledge production that fosters non-hierarchical relationships among research subjects. This approach seeks to understand the notion of unity described by the Kaingang professor Viri (2021), in which indigenous reciprocity is established. Finally, this study argues that shared knowledge production can

<sup>1</sup> Pesquisa realizada durante o Pós-doutorado de Vicini no Núcleo Diversitas, Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (PPGHDL- FFLCH-USP).

<sup>2</sup> IFPR - Instituto Federal Campus Palmas. E-mail: magda.vicini@ifpr.edu.br

<sup>3</sup> Universidade de Montreal. E-mail: robert.crepeau@umontreal.ca

<sup>4</sup> Universidade de São Paulo. E-mail: sbairon@gmail.com

<sup>5</sup> Escola Kaingang Segsô Tánh Sá - Palmas (PR).E-mail: claudecir.viri@escola.parana.gov.br



reveal the practices and subjectivities that shape Kaingang reciprocity, as well as engage with them.

**Keywords:** Kaingang, Reciprocity, Shared Knowledge Production.

## INTRODUÇÃO

Discutimos, neste texto, as reflexões que surgiram a partir dos encontros da pesquisadora Magda Vicini com os Kaingang (Palmas, PR), que ocorreram semanalmente na Escola Segsô Tánh Sá desde o ano de 2018 até o ano de 2022<sup>6</sup>. O objetivo da pesquisa de Vicini era, juntamente com os estudantes, desenvolver pinturas sobre a cultura Kaingang, criadas por eles mesmos, na forma de mural artístico. Como proposta partilhada de conhecimentos (BAIRON; LAZANEO, 2012; LAZANEO, 2012, 2017; CARVALHO; KADOJEBÁ; RIBEIRO, 2017), as questões iniciais para os trabalhos em conjunto se estabeleceram sobre a maneira pela qual, juntamente com os indígenas, eles constituiriam uma relação de partilha e confiança entre seres com diferentes formas de vivência e cultura. Definido que a metodologia seria de “com-partilhar” – cujos significados possíveis incluem a participação mútua em uma ação, a divisão de um espaço com outros, a interação verbal recíproca com o outro, – visualizamos a necessidade de compreender como os Kaingang atuam entre si nas relações cotidianas, nas relações entre os estudantes, adultos e anciãos que convivem nesta sociedade; como eles recebem um pedido para participar de uma pesquisa, para que se estabelecesse a presença dos estudantes no projeto, ou mesmo, do interlocutor e dos professores da Escola. Assim, Vicini percebeu estar falando de reciprocidade, trocas culturais, afetivas, sociológicas e etnológicas (CREPEAU, 2006; 1997; BALDUS, 1962; MAUSS, 2003; MARTINS, 2006; CASTRO, 2017) de vivências, falas, pensamentos, comportamentos e ações. Apresentamos neste artigo a fala dos próprios indígenas, não mais permitindo que somente os pesquisadores representem (grifo nosso) os Kaingang, mas sim, eles mesmos falem de suas percepções sobre a pesquisa. Na percepção de Lévi-Strauss, Mauss define a importância de que sejam diferenciados os contextos sociais, físicos e psicológicos do indivíduo, além do convívio em grupo, implicando em uma observação do todo na experiência de convívio com uma etnia, ou seja, o fato social total<sup>7</sup>, em que “o

<sup>6</sup> Segundo a autora do projeto, encontros ocorridos antes da pandemia do Covid-19. 2018 a 2022. VICINI, Magda. *Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang*. COPE – Coordenação de pesquisa e extensão do Campus IFPR Palmas, Paraná.

<sup>7</sup> Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –;



observador é ele próprio uma parte da observação? (MAUSS, 2004, p.26). E, nesta pesquisa realizada com os Kaingang, a pesquisadora Vicini estabelece uma relação de parceria que se aproxima da percepção de reciprocidade e produção partilhada do conhecimento.

## **METODOLOGIA**

Seguindo essa linha de pensamento, Lévi-Strauss acredita, em interlocução com Mauss, que na pesquisa das ciências sociais a noção de sujeito e objeto<sup>8</sup> se alternam, pois há aspectos da subjetividade nos quais o pesquisador se vê na vivência indígena, como objeto e sujeito, em alternância. Aspecto importante no conceito de produção partilhada do conhecimento, que utilizamos nesta pesquisa, cuja relação não mais se estabelece entre sujeito e objeto de pesquisa, mas, sim, entre sujeitos de pesquisa (BAIRON; LAZANEO, 2012). Assim, a forma pela qual agimos metodologicamente em uma pesquisa na qual há o estabelecimento de inter-relações humanas, de etnias diferentes, é necessário considerar o aspecto de inter-relação das subjetividades que, na percepção de Lévi-Strauss, seria o processo de comunicação: “é a maneira pela qual a interação poderá trazer os resultados possíveis, aspecto inovador em Mauss, ligados ao inconsciente e consciente que fazem mediação entre os envolvidos – o eu e o outrem” (MAUSS, 2003, p.28-29).

Percebemos assim a importância de se estabelecer uma relação de aproximação entre pesquisadores e a comunidade étnica sobre a qual será desenvolvido o trabalho, como retorno material, moral e dadivoso para aqueles que compartilharam (grifos dos autores) sua cultura e suas formas de vida com a Academia. Esse compartilhamento, transforma tanto o sujeito pesquisado como o sujeito pesquisador. Por um lado, transforma o indígena, pelo fato de se perceber protagonista em sua própria cultura ao ensinar o pesquisador a ver e conhecer os sentidos de sua cultura indígena, ou seja, o olhar do indígena não precisa do filtro do pesquisador, mas de sua interlocução. Por outro lado, o pesquisador, por intermédio de ferramentas do conhecimento científico, mostra as possibilidades de sistematização e apropriação do conhecimento tradicional a partir da ação e da parceria do próprio indígena.

---

econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. (MAUSS, 2003, P.25-26)

<sup>8</sup> Grifos nossos.

O contato desta pesquisadora com os professores da Escola foi muito importante para o conhecimento de algumas especificidades dos estudantes Kaingang. Uma destas especificidades é a percepção de tempo, pois os estudantes chegam em diferentes horários, cada um em seu tempo, ou seja, seu modo de ser é muito diferente dos alunos da cidade. Mesmo com mais de 500 anos de massacre cultural, econômico e político ocidental, ainda lutam para preservarem sua identidade. Não conseguiram descaracterizar ou tirar deles a identidade e a cultura que eles possuem em seus comportamentos e relações diárias, o que nos faz perceber a força que as etnias indígenas brasileiras possuem mantendo esses costumes. Vicini observa que, no convívio com os Kaingang procura se dialogar com as formas de vida do “ser” Kaingang, mas sem perder sua própria condição de existência, deixando ser tocada por variações subjetivas de reciprocidade (Figura 1).



Figura 1- Reunião realizada em 11/08/2018 – Comunidade Kaingang – Magda Vicini com os professores: Cleverson Viri, Sadi Korin, Claudécir, Viri Renata Korin, Josieli Borges, Renata Korin, e Marilze Garipri Mendes Palhano - Reunião sobre o “Projeto Saberes Indígenas”<sup>9</sup> - Fonte: Arquivo próprio.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A produção de conhecimento indígena tem suas especificidades que se diferenciam daquilo que frequentemente nós pesquisadores, traduzidos pelas leituras e vivências acadêmicas, nos distanciam do ser indígena, como destaca Lévi-Strauss (in MAUSS, 2003) e

<sup>9</sup> Projeto da professora Maria Christine Berdusco Menezes da UEM – Universidade de Maringá (PR).



de seus conhecimentos orais ou memoriais (grifos nossos), como nos falou o professor Viri. Durante as primeiras conversas de Vicini (2018) com os professores da Escola a fala em tom baixo e pausado de Claudedir promovia uma reflexão profunda entre todos os que estavam presentes.

[...] nós somos muito ricos em documentos memoriais. Não nos deram oportunidade para que esses... fosse escrita a nossa história, desde o início do descobrimento do Brasil. Por exemplo, só foi escrita a história da sociedade que existe hoje. A nossa ficou só na memória dos nossos antepassados. Hoje a luta dos professores indígenas é colocar isso no papel [...] como fonte de pesquisa para os demais indígenas e demais povos. Porque amanhã ou depois, nós indígenas que vamos administrar nossos setores. [...] para os demais que estão vindo. Para que eles, no momento em que chegar no ponto de hoje, para que eles não venham bater na mesma tecla que estamos batendo hoje. [...] hoje nós temos muito cuidado, mas nós temos que não desistir da luta, não desistir. [...]Quando o pessoal vinha fazer as pesquisas aqui na comunidade, no passado, [...] não tinha o retorno para a comunidade. E os nossos mais velhos ficaram com isso marcado. Eles diziam: “eles só vêm aqui, coletam as informações, e não tem um retorno para a comunidade. Então, nós temos que parar com isso”. (VIRI, junho de 2018)

Percebemos nessa fala uma das razões que nos faz refletir a respeito da maneira pela qual essas vivências e conhecimentos deveriam acontecer, para que esta pesquisa possa oferecer um retorno, ações de reciprocidade ou de trocas com resultados para ambos: sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados numa relação heterárquica. É relevante constatar o desejo da liderança indígena de que o conhecimento e prática da cultura estejam disponíveis para os indígenas, preocupando-se com a própria gestão desses conhecimentos. De modo semelhante, nos encontros semanais com os estudantes, Vicini aponta a satisfação dos mesmos, ao falar, desenhar e pintar sobre sua própria cultura e seu cotidiano. Porém, é preciso considerar que os desejos dos estudantes não se limitam à Aldeia, pois sentem a necessidade de serem jovens conectados ao mundo fora da Aldeia. Na percepção de Vicini, os jovens não demonstram ter muito conhecimento de sua cultura do passado, mas por outro lado, eles possuem clareza dos aspectos dessa cultura histórica em seu dia a dia e em seus comportamentos.



Refletindo a partir das primeiras formas de aproximação entre os brancos brasileiros e os indígenas do Brasil<sup>10</sup>, iniciamos os questionamentos em relação ao “Ensaio sobre a Dádiva”,

de Marcel Mauss, no qual o antropólogo faz um relato sobre a etnia Maori (Polinésia), cujas atuações sociais, morais, políticas, espirituais e econômicas apresentam, de distintas maneiras, em diversas situações de convívio. Apresentamos as análises de dois pesquisadores que utilizam em seus textos essa perspectiva da obra de Mauss, para fundamentar essa visão sobre a possível relação entre o conceito de dádiva e reciprocidade, na maneira pela qual a metodologia da produção partilhada está sendo utilizada entre os sujeitos desta pesquisa: pesquisadora e comunidade Kaingang.

Para o professor de sociologia e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco – UFP –, Paulo Henrique Martins, Mauss contribuiu para a sociologia por “demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social”. Explica ainda que “Mauss entendeu que a lógica mercantil moderna não substitui as antigas formas de constituição dos vínculos e alianças entre os seres humanos e constatou que tais formas continuam presentes nas sociedades modernas” (MARTINS, 2005, p.46). Ou seja, o fato social total que Mauss define como fundamento da dádiva ou da reciprocidade, segundo Martins (2006), significa:

[...] totalidade no sentido de que a sociedade inclui todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros, sem haver nenhuma hierarquia prévia que justifique uma economia natural que precederia os demais fenômenos sociais. Totalidade, também, no sentido de que a natureza desses bens produzidos pelos membros das comunidades não é apenas material, mas também e sobretudo simbólica. (MARTINS, 2005, P.46)

Segundo Martins (2005, p.46), Mauss cria uma crítica anti-utilitarista, não defensiva, como obrigação moral coletiva de uma sociedade, “envolvendo o conjunto de membros da sociedade, obrigação que pressupõe aspectos tão diversos como a troca de mercadorias, de um lado, ou um mero sorriso, de outro”. Ao mesmo tempo em que há obrigações desta

<sup>10</sup> Segundo Fassheber, os Kaingang da região de Guarapuava, que haviam sido “pacificados” na primeira década do século XIX, alertavam os “colonizadores brancos”, sobre o perigo que seria aproximar-se dos “Kaingang da região do *Crie-ban-grê* (Palmas)”, mas, aos poucos, foram abrindo-se ao contato dos brancos, “sem que os confrontos cessassem”, com mortes entre brancos e indígenas. [...] O etnólogo Herbert Baldus ao dissertar sobre as aculturações dirigidas, programas de pacificação entre os indígenas do antigo Serviço de Proteção ao Índio – SPI – na época de Rondon, cita o conceito de “reciprocidade” compreendendo que era uma forma de acostumar os indígenas à vida econômica dos brancos, com retribuição em trabalho ou em algo material como troca. Baldus apresenta a mais conhecida forma dos brancos acercarem-se aos indígenas oferecendo presentes e, ressalta em seu livro, que tanto o governo como as missões religiosas, adotavam o mesmo tipo de postura, com a intenção de torná-los colonos, tendo-os como ajuda braçal e não incentivando a conservação da cultura indígena.

tripartida social e moral, a partir da convivência e das práticas sociais, “os membros da coletividade têm uma certa liberdade para entrar ou sair do sistema de obrigações – mesmo que isto possa significar a passagem da paz para a guerra”. Nesse sentido, para Vicini, a sociedade indígena, visualizada a partir do convívio semanal na aldeia Kaingang, pareceu-lhe orgânica, sempre em movimento e em mutação. Quando há necessidade de decisão específica, há a hierarquia,

o coletivo; quando se estabelece o cuidado humano ou de poder, é mais aberta, dependendo da situação a ser resolvida, individualizada. Mas não há uma regra permanente (VICINI, 2019).

Por outra perspectiva, o professor de antropologia da Universidade de Montreal (Canadá), Robert Crépeau, que, desde o ano de 1993 até os dias atuais, pesquisa com os Kaingang da Terra Indígena Xapecó, no município de Ipuacú (SC), propõe, em seu artigo “Os Kamé vão sempre primeiro<sup>11</sup> – Dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang” (2006, p.10), que as práticas de reciprocidade entre os Kaingang não podem ser interpretadas unicamente “a partir dos conceitos antropológicos de dom, troca, sociedade dialética e processo de (re)produção social” (CRÉPEAU, 2006, p.12).

Crépeau (2006, p.13) argumenta que a sociedade Kaingang, como apresenta Maybury-Lewis,<sup>12</sup> preocupa-se com a busca do equilíbrio e harmonia em sua estrutura social, na organização dual, “embora para eles a organização dual esteja também relacionada ao poder, o que implica conflitos, competição e hierarquia”. Segundo Crépeau (2006, p. 13-14), “de acordo com meus informantes Kaingang, Lévi-Strauss não está certo quando escreve que a organização dual é frequentemente ilusória. Eles também sabem que sua relação cotidiana se passa numa sociedade plural, com faccionalismo, com divisões sociais e com desunião”. Assim, as formas de reciprocidade ou de relações entre os Kaingang ocorreriam de modo complementar considerando a posição recíproca dos Kamé e dos Kairu no grupo indígena.

---

<sup>11</sup> Segundo a pesquisa de Crépeau, “A organização dual kaingang consiste de metades chamadas kamé e kairu, que são concebidas como assimétricas e complementares. O kamé é primeiro e associado ao mais forte, masculino, sol, leste, poder político e xamanismo, enquanto o kairu é concebido como segundo, mais fraco, feminino, associado à lua, ao oeste e à organização do rito de segundo funeral. Cada metade possui uma seção ou submetade: votôro é associado com kairu enquanto veineky é associado com kamé. CRÉPEAU, Robert R. “Os kamé vão sempre primeiro” dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang. Anuário Antropológico/2005. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006, p. 9-33, p. 12.

<sup>12</sup> David Henry Peter Maybury-Lewis (1929-2007) foi um antropólogo e etnólogo britânico, especializado na etnologia dos povos do Brasil Central.



## IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

IV ENLIC SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

ANEXO 1 - SEMINÁRIO DE DEBATE SOBRE O DUALISMO

As metades Kamé e Kairu são os elementos da sociedade Kaingang que justificam tanto sua totalidade ideológica quanto sua multiplicidade (poliadismo) de vozes e realizações concretas. O dualismo aparece assim como um intermediário lógico essencial para postular e pensar a singularidade e a multiplicidade (ou poliadismo). O dualismo constitui a forma de pensar simultaneamente (e ritmicamente encenado nas danças do Kiki) e sem contradição a unidade social e as suas divisões. É uma concepção holística que contrasta com o atomismo dos antropólogos que baseiam sua epistemologia na teoria da representação. Lévi-Strauss estava, portanto, certo ao escrever que as organizações dualistas "permanecem irreduzíveis ao dualismo", mas estava errado ao considerar tal "representação" como fútil. (CRÉPEAU, 2021)<sup>13</sup>

Crépeau finaliza sua afirmação, assinalando que, “do ponto de vista do ritual ou da prática, no modelo dualista da organização da sociedade Kaingang, observa que a complementariedade entre as metades Kamé e Kairu permite pensar (e representar ritualmente) a sociedade como uma apenas”.<sup>14</sup> Crépeau exemplifica seu posicionamento lembrando a fala do Prof. Claudécir Viri (que apresentaremos neste artigo): “É o que o Prof. Claudécir explicita muito bem quando fala que ‘Há as divisões entre as metades, mas nós somos um povo só, de uma etnia chamada Kaingang’” (CRÉPEAU, 2021).<sup>15</sup>

Mais precisamente, de acordo com os Kaingang, troca e reciprocidade não são nem dados inconscientes (Lévi-Strauss) nem função da organização dual (Maybury-Lewis), mas algo instituído no passado pela ação dos heróis culturais ancestrais: a) que roubaram elementos básicos da vida dos Kaingang, tais como fogo, água ou mel de seus proprietários primordiais egoístas; b) que generosamente deram à humanidade, por exemplo, o milho, através do Nhar (ou “Milho”) após sua morte; c) que criaram as metades e as seções, associadas após a destruição dos primeiros humanos pela inundação ou dilúvio. (CRÉPEAU, 2006, p.11)

Essas abordagens sobre a reciprocidade podem se aproximar das proposições de Lash (2012, p.247-250), sobre a reflexividade moderna relacionando as comunidades pré-modernas com as comunidades pós-modernas, ou seja, em sua principal proposta, a reflexividade hermenêutica, a partir da comunidade reflexiva que ele aproxima ao conceito de campo de Pierre Bourdieu, de que “a comunidade é, antes tudo, uma questão de ‘significações compartilhadas’”, e não, de “interesses compartilhados”. Esta significação não seria criar significados em comunidade, mas “procurar pela significação que já existe”. Visualizamos este sentido permanente de significação na comunidade indígena, no sentido

<sup>13</sup> Este esclarecimento de Crépeau foi realizado a partir de e-mails trocados com os autores deste artigo em 17 de fevereiro de 2021.

<sup>14</sup> *Idem.*

<sup>15</sup> *Ibidem.*

de ritualização e *habitus*, que muitas vezes podem estar tanto consciente como inconscientemente, promovendo a continuidade da cultura entre os Kaingang de Palmas (PR). Como expressa a presença do professor Claudedir neste artigo.

Para iniciar o convívio com os Kaingang, Vicini utiliza a visão de Bairon, Battistella e Lazaneo, apresentando os “Fundamentos da produção partilhada do conhecimento” que evidencia a necessidade de um “habitar de diálogos”, na conexão entre saberes plurais (BAIRON; BATISTELLA, LAZANEO, s/d, p.255). Igualmente aprendemos que na percepção indígena, tanto para Vicini (Relatórios, 2019) quanto para o líder Kaingang Claudedir Viri, há um reconhecimento de mundos, que o líder e pesquisador indígena Ailton Krenak define e questiona: “Como reconhecer um lugar de contato entre esses mundos, que têm tanta origem comum, mas que se descolaram a ponto de termos hoje, num extremo, gente que precisa viver de um rio e, no outro, gente que consome rios como recurso?” (KRENAK, 2019, p.51). Em nossa percepção, o projeto, como produção partilhada do conhecimento, pode unir pessoas diferentes que vivem em um mesmo mundo, e podem buscar perspectivas para melhorar este mundo comum

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática do conhecimento partilhado e da reciprocidade entre pesquisadora e estudantes, iniciou-se em abril, e, em outubro, novembro e dezembro de 2019, os estudantes realizaram um primeiro mural experimental. Nesse primeiro mural realizado na Aldeia, por vezes Vicini acreditava que não conseguiriam finalizar. Nossa forma sistematizada e de busca

de resultados imediatos não foi a responsável pelo sucesso da execução e finalização desse mural. Como aprendiz de partilha e como pesquisadora, ela foi aprendendo a estar no lugar partilhando, pensando juntos e resolvendo juntos. E é esta a forma pela qual a cultura indígena se manifesta em sua plenitude: com calma, sem muito falar, e, sim, pensar e realizar. Ao mesmo tempo em que a responsabilidade em relação ao projeto era percebida por eles, aceitavam os desafios que eram apresentados em relação à elaboração da pintura mural, realizando todas as etapas, desde os desenhos, esboços, até a finalização que deveria ser em dezembro de 2019. Mas essa execução da pintura, no tempo em que havia sido prevista, não ocorreu de maneira estressada. Ela aconteceu (Figuras 2 e 3.).



## IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência



Figura 2 - Pintura mural realizada na antiga creche, na parte central da Aldeia Kaingang – Palmas Paraná – 2019.  
Fonte: Arquivo Vicini.



Figura 3 - *Self* dos estudantes e pesquisadora: Jeferson, Magda, Bruna, Guido, Luana, Eridiane e Rânea (naquele dia a Vanessa não pôde ir, pois foi vender artesanato com a família em Clevelândia). Data: 19/12/2019. Fonte: Arquivo Vicini.

A abertura ao diálogo também é um processo de aprendizado entre os sujeitos da pesquisa, pois para os indígenas sua voz sempre foi a última a ser considerada. A voz dos pesquisadores,

dos professores, representou a voz decisiva, nem sempre aberta ao diálogo, historicamente falando. Nesse sentido, Vicini (2020) acredita estar vivenciando os conceitos da produção partilhada do conhecimento, portanto, sentindo, experimentando na própria pele, que o posicionamento dominante do pesquisador branco, europeu, ou do sujeito que possui exclusivamente o saber científico, citado por Bairon e Lazaneo (2019), está profundamente enraizado na percepção do nativo indígena (2020). Para Crepeau (2021), em sua experiência de



## IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

II RRS SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

III RRS SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

pesquisador, houve encontros colaborativos entre ele e os mestres indígenas, porém, os preconceitos dos não-indígenas tomaram conta da tradução de que estavam falando de forma explícita os indígenas. Precisamos atuar como parceiros e não como colonizadores.<sup>16</sup>

Outro aspecto fundamental para que aconteça uma partilha de conhecimentos é a maneira pela qual o pesquisador se revela para os sujeitos que com ele desenvolvem a pesquisa. O pesquisador assume seus hábitos diferentes, sua maneira de agir diferentes – e o grupo de partilha a ser formado para a pesquisa pode discutir sobre isso durante todo o projeto, sendo que estas diferenças podem promover dúvidas tanto para os indígenas, quanto para o pesquisador.

Em entrevista com o interlocutor da pesquisadora, Prof. Claudécir, ele falou sobre a existência ou não de trocas entre Vicini e a Comunidade Kaingang:

A professora Magda, a gente nunca faz uma coisa por nossa própria conta. A gente já conversou, você já teve esse conhecimento, que para iniciar este projeto, teve também uma certa orientação dos mais velhos, para que a gente pudesse conversar, dar início a essa etapa do projeto. Eles também estão contribuindo, a gente está fazendo essa ponte, mas com muito cuidado e com respeito a eles. Hoje, através dos

estudos que a gente também buscou, a gente também tem outra forma de chegar até os nossos mais velhos, para conversar com eles. [...] Então, hoje, nesse tempo de hoje, ela está sendo um pouco mais fácil de trabalhar com eles, porque não está sendo intermediada pelo professor não índio. Está tendo também um professor indígena e o *kujá*, para depois chegar os registros para os professores não indígenas. Então, é essa a forma que eu achei para que nós pudéssemos também elevar o conhecimento de outros grupos, ou seja, da sociedade, o que nós pensamos de nós, o que nós queremos futuramente, para que nós tenhamos mais oportunidades, espaço na sociedade. Para a gente receber mais consideração e respeito. E o retorno de todo esse trabalho, é isso que a professora Magda vem demonstrando para nós, levando muito respeito, muito carinho para a sociedade [...]. Porque a gente não quer viver durante anos e anos isolados. Só que a gente tem que ter muito cuidado com isso. [...] Primeiro, há uma observação, é analisado através do pensamento do *kujá*, se essa pessoa está com intenção boa também para este povo. Talvez você não teve diretamente uma fala com alguns mais velhos, mas que através da gente e através deles, através da natureza, através dos espíritos, que eles buscam, eles sabem com quem nós estamos fazendo o trabalho.[...]. Professora, eu acho muito rico, riquíssimo entre nós, por isso que você está sendo privilegiada com isso, e por esse bom entendimento, por esse respeito que você vem tendo até hoje. Porque no início a gente teve com você algumas dificuldades, para iniciar de vez os trabalhos juntos. É porque a gente estava aguardando uma resposta dos mais velhos da comunidade. Do *kujá*, dos rezadores, para então dar o encaminhamento. E o retorno que a professora está demonstrando para nós é o respeito, é a consideração, é levar para a sociedade a nossa cultura que ela tem que ser cada vez mais respeitada e considerada pela sociedade. Bens materiais, tudo isso, são coisas que não têm nada ver com a cultura. A espiritualidade da nossa cultura, através dessa nossa intermediação e da professora Magda para a sociedade, enriquece a cultura e fortalece, dá muita força para a busca dos nossos indígenas mais velhos, quando eles tratam de cuidar da comunidade, cuidar do povo, cuidar de nós. [...]. O objetivo, isso, então, é tirar a gente dessa... de que nós

<sup>16</sup> Esclarecimento de Crépeau, em troca de e-mails (fevereiro, 2021).



## IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

IV ENLIC SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

IV ENLIC SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

estamos isolados com a cultura. Mas nunca deixar de sermos isso que nós somos hoje.<sup>17</sup>

Vicini analisa e comenta com Prof. Claudecir que ela percebe o respeito que os estudantes agem diante de um planejamento e compromisso assumido. Perguntamos então ao professor Claudecir qual seria sua observação sobre a relação dos estudantes com a pesquisa.

É assim, professora Magda. Eu tenho falado com os demais professores. Quando nós indígenas... porque de início nós somos muito observadores. Isso você já percebeu em nós. Não é de início que a gente já vai falar, falar, falar. [...] E nós, Kaingang, somos assim: a gente pega uma confiança que a gente não sabe se pode ser prejudicado, ou se vamos nos dar bem com isso. Mas, nós, quando pegamos confiança com um profissional não indígena, é porque esse profissional soube acolher. Ele soube aproximar nós e a nossa história junto com a dele. E foi isso que percebi também nos alunos. Quando começamos a ver que eles estavam mais livres, mais tranquilos, te perguntando, estavam conversando com você. Vinham perguntavam para mim. Para os alunos é muito importante isso. Porque nós adultos temos ainda uma dificuldade com isso. [...] Eles, adolescentes e jovens, se eles começarem jovens a trazer isso para a estrutura de conhecimento cultural deles, o conhecimento universal, isso faz com que eles se tornem mais puros, fortes, porque eles também estão tendo conhecimento da sociedade envolvente. E nossos jovens precisam ter esse conhecimento.[...].E a professora também começou a trazer para eles a questão da dedicação, do compromisso, da seriedade, do pensamento firme, pensamento positivo. Então, isso, em minha visão, isso está sendo o retorno. Retorno de conhecimento que eles estão adquirindo. Porque nós não queremos ficar somente com o nosso conhecimento. Por isso a gente tem o lema da nossa educação escolar indígena: “um pé na aldeia, outro no mundo”. Então nós queremos levar para a sociedade a nossa cultura, mas que eles também tragam a cultura deles. [...] Então, é isso que eu vejo nos nossos alunos. Para eles terem uma visão de que ser índio não quer dizer que ele tenha que só ter esse modo de viver aqui, mas que ele pode se colocar em qualquer ambiente. [...] Acho muito importante essa troca de experiência, de conhecimento entre a professora e a gente, entre a professora e os alunos. Essa troca de conhecimento que a professora trouxe para eles, mas um aprendizado que também aprendeu com eles. É essa troca que nós precisamos levar adiante para nós mostrarmos para os nossos filhos, nossos netos. No mundo em que vivemos nós temos que “estar claro”, também ter conhecimento. Contextualizar o conhecimento para a gente poder estar incluído na sociedade. (VIRI, 2021)<sup>18</sup>

Esta fala do Prof. Claudecir Viri é um aspecto observado pela pesquisa de Crépeau, apresentada em seu artigo *Les défis du pluralisme religieux pour la pratique du chamanisme chez les Kaingang du Brésil meridional* (CRÉPEAU, 2022): “Trabalhos recentes têm mostrado que os Kaingang contemporâneos se definem ativamente em relação à sociedade nacional brasileira e que buscam manter um frágil equilíbrio entre sua identidade ameríndia e um desejo real de participar da dinâmica regional e nacional”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>17</sup> *Idem.*

<sup>18</sup> Entrevista com o prof. Claudecir Viri em 04/02/2021, às dez horas da manhã, pelo Google Meet.

Como apresentamos neste artigo, a maneira pela qual principiamos o diálogo com os Kaingang difere-se da pesquisa científica que rotineiramente se estabelecia entre pesquisadores e “objetos” étnicos de pesquisa. Somos todos sujeitos de pesquisa sendo que a parceria, como ressalta Crépeau neste artigo, no final do ritual *Kiki*, acontece uma unidade das metades, “em vez de dual ou plural” (2006, p.11). Somos todos diferentes durante uma pesquisa, buscando unidade em resultados, da mesma forma que Viri aponta sobre as metades Kaingang. A vivência neste processo com os Kaingang, nos faz perceber que a proposta heterárquica da produção partilhada do conhecimento está relacionada com a unicidade na reciprocidade Kaingang na pesquisa de Vicini.

A reciprocidade indígena que há muitos anos Mauss (2003, p.2) sabiamente percebe, porém, a própria Academia para a qual o pesquisador leva esses conhecimentos, talvez não ofereça, poderiam fortalecer cada cultura indígena já pesquisada ao redor do mundo. Silenciosamente, como aponta Prof. Claudécir Viri, os indígenas se calam, em cada pesquisa realizada em suas terras e comunidades, porque, se eles se negarem, a sociedade branca poderá ainda mais retrai-los à marginalidade, mas que atualmente eles tomam muito cuidado com os pesquisadores.

A partir de Martins (2005, p.9), estabelecemos a relação entre as trocas que acontecem entre Vicini e a comunidade Kaingang, no sentido de obrigações que podem significar trocas de mercadorias, trocas simbólicas de respeito e favores, trocas de atitudes de respeito, em ações contínuas no convívio. Vicini conduz os encontros com os estudantes Kaingang, e ensinando-os sobre a arte do mural, eles a ensinam sobre a cultura Kaingang convivendo com ela. O professor Viri, a liderança Kaingang e os professores da Escola Segsó Tánh Sá realizam reuniões e eventos sobre a cultura Kaingang em parceria com a pesquisadora Vicini, desde o ano de 2019.

Durante o ano de 2021 e 2022 as parcerias entre Vicini (Relatórios documentados) e a comunidade Kaingang continuaram. Principalmente, nos dias 30 e 31 de agosto de 2021, prof. Claudécir e a Comunidade Escolar convidaram a pesquisadora para realizar filmagens durante a Semana Cultural quando organizaram o ritual de nomeação das metades *Kamé* e *Kairu*, que há mais de vinte anos não era realizado com os habitantes desta aldeia, entre outras ações conjuntas.

Como se percebe, a reciprocidade e partilha do conhecimento permanece viva entre os sujeitos de pesquisa que se tornaram parceiros de uma cultura, de vidas que prosseguem com objetivos comuns: respeito e apoio às diversidades, ações que afirmam a importância da vida *Kaingang* e sua cultura, oportunidades de compartilhamento de saberes tradicionais e



## IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

II RP SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

Conjunta da produção de conhecimento

saberes científicos, divulgação conjunta da produção de conhecimento partilhado em artigos e eventos. Trocas que venham a ouvir e a beneficiar a Terra Indígena Kaingang de Palmas (PR).

### REFERENCIAL TEÓRICO

BAIRON, Sergio; LAZANEO, Caio. **Produção partilhada do conhecimento**: do filme à hipermídia. Artigo publicado nos Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, 2012.

BAIRON, Sergio; BATTISTELA, Roberta Naavs; LAZANEO, Caio. **Fundamentos da Produção Partilhada do Conhecimento e o saber do Mestre Griô**, s/d. Disponível em: <file:///D:/Users/User/Downloads/113894-206494-1-SM.pdf>. Acesso em 3/7/2017.

BAIRON, Sergio. **Experiência Estética e Produção Partilhada do Conhecimento**. Vídeo do Centro de (Centro de Comunicação Digital e Pesquisa Partilhada – CEDIPP-FFLCH – ECA/USP, em 18/05/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pdn4INYPnqE>. Acesso em março/2020.

BAIRON, Sergio; LIBRANDI, Marília; CARVALHO, Aivone. Disciplina “Pensamento Ameríndio”, palestra com Ailton Krenak. Canal CEDIPP – Diversitas. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/cedipp>. Acesso em: 15/10/2020.

BALDUS, Herbert. 1962. **Métodos e resultados da ação indigenista no Brasil**. Revista de Antropologia, v. 10, n. 1-2, p. 27-42. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:baldus-1962>. Acesso em março/2018.

CARVALHO, Aivone; KADOJEBÁ, Paulinho Eceráe; RIBEIRO, José da Silva. **Narrativa dialógica de um cinegrafista indígena**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 02, n. 04, p. 101-120, jan./abr. 2017.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Drama, ritual e performance em Victor Turner**. Revista sociologia&antropologia. Rio de Janeiro, v.03. n.06: p. 411–440, novembro, 2013.

CRÉPEAU, Robert R. **Mito e ritual entre os índios Kaingang do Brasil Meridional**. Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, RS. Ano 3, n.6, p.173-186, 1997.

CRÉPEAU, Robert R. **“Os kamé vão sempre primeiro” dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang**. Anuário Antropológico/2005. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006: p. 9-33.

CRÉPEAU, Robert R. 2022. **Discourses on the Advent of New Times among the Kaingang of Southern Brazil in Contemporary Indigenous Cosmologies and Pragmatics** (ed., Françoise Dussart and Sylvie Poirier), The University of Alberta Press: No prelo.

GUIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Trad. Magda Lopes; Ver. Cibele Saliba Rizek. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.



## IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

II PESUL | Seminário do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

III PESUL | Seminário do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

FASSHEBER, José Reinaldo Mendonça. **Saúde e políticas de saúde entre os Kaingang de Palmas, PR**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Constelação de saberes. Vídeo da disciplina “Pensamento Ameríndio”**, com a participação de Pariko Ekureu e Marília Librandi, do Núcleo Diversitas e Vídeo do Centro de (Centro de Comunicação Digital e Pesquisa Partilhada – CEDIPP-FFLCH – ECA/USP, em: 2020. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=bOSg4b16isg&t=4306s>. Acesso em março de 2021.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução Magda Lopes. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LAZANEO, Caio de Salvi. **Produção partilhada do conhecimento: uma experiência com as comunidades indígenas Xavante e Karajás**. Dissertação de Mestrado – Diversitas – USP, 2012.

\_\_\_\_\_. **Produção partilhada e reticularidade fílmica**. Tese de Doutorado – Diversitas – USP, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss, in MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução: Paulo Neves, São Paulo: Cosac Naify, [1950]2003.

MARTINS, Paulo Henrique. Revista Crítica de Ciências Sociais, 73 | 2005. **A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo**. Edição electrónica URL: <http://journals.openedition.org/rccs/954>. Editora Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Edição impressa. Data de publicação: 1 de dezembro, 2005. Paginação: 45-66. ISSN: 0254-1106. Acesso: março, 2019.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, [1950]2003.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos Índios Kaingang**. História Épica dos Índios Kaingang no Paraná (1769-1924) Editora da Universidade Estadual de Maringá – Maringá –PR, 1994.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis, RJ:

VICINI, Magda. Artigo publicado no livro “Cognição, Linguagem e Realidade. Coleção Filosofia da Mente e Ciência Cognitivas”. **Produção Partilhada do Conhecimento e sua relação com o Pós-humanismo na pesquisa científica em Terra Kaingang**. Volume 1. Editora CRV, Curitiba, PR, 2020.

VICINI, Magda. 2018 a 2022. **Relatórios documentados sobre a pesquisa na Terra Indígena Kaingang**. IFPR Campus Palmas, Paraná.



# IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

**IV PIBID SUL** | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
**II RP SUL** | Seminário do Programa de Residência Pedagógica  
**II ANFOPE SUL** | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores